



Conteúdo exclusivo para Assinantes

31 de Julho de 2022 às 00:30

A guerra regressou ao continente europeu, numa triste lembrança de 1870, 1914 ou 1939. Sabemos bem os resultados.

Poucos acreditariam, há meio ano, poder assistir à invasão de um país soberano Europeu por centenas de milhares de soldados de outro país vizinho. Acompanhar, ao vivo, o bombardeamento da sua população, o arrasar de cidades e vilas, e a destruição sistemática das suas infraestruturas vitais. Desde os campos de trigo, às indústrias ou centrais elétricas, nada escapa. Gerou-se a maior vaga de refugiados desde e 2ª Guerra Mundial.

As cenas de crimes de guerra multiplicam-se. Os ódios acumulam-se e as consequências tornam-se cada vez mais vastas e mais gravosas. É necessário parar esta barbárie enquanto há tempo.

A reflexão que hoje se inicia, neste jornal, visa contribuir para o debate sobre o regresso à paz e estabilidade na Europa. Será balizada por duas considerações essenciais. A primeira, é que a Russa e a sua cultura são parte inalienável da Europa e o nosso futuro comum só pode ser de paz. De coexistência no mínimo, de cooperação mútua desejavelmente. A “coexistência pacífica” foi possível durante a guerra fria em que se afrontavam duas visões realmente diferentes do mundo. Hoje fala-se da necessidade de restabelecer a “estabilidade estratégica”. Tanto Putin como Biden a defendem. Há, pois, um trabalho urgente a fazer para renovar os Acordos que estribaram a segurança comum do passado e que foram sendo abandonados. Pelos dois lados.

Estamos, todavia, perante uma invasão a frio de um país soberano. A inviolabilidade das fronteiras é o sustentáculo da ordem mundial. Se soçobrar na Ucrânia entramos num outro capítulo do futuro. Seguem-se os Bálticos? A Geórgia? Ou a Moldávia?

O que nos leva à segunda consideração. Diz-nos a história que só a capacidade de defesa é realmente dissuasora e condição indispensável para o respeito das fronteiras.

Estamos nesta fase. Para chegar a paz é necessário que a Ucrânia se defenda. O país não é dispensável. Ao contrário, uma Ucrânia nem ameaçadora nem ameaçada pode ser uma ponte entre culturas que a sua composição humana reflete. A guerra só agudiza as diferenças e acicata os ódios. Deixada ao abandono pode engolir a Europa.

Copyright © 2022. Todos os direitos reservados. É expressamente proibida a reprodução na totalidade ou em parte, em qualquer tipo de suporte, sem prévia permissão por escrito da Cofina Media S.A. Consulte a .

}